

1611 – Revista de Historia de la Traducción

ISSN: 1988-2963

Angélica Karim Garcia Simão¹

A *1611 – Revista de Historia de la Traducción*² recebe este nome em homenagem a duas grandes obras literárias originadas no ano de 1611 e que tiveram um forte impacto em suas respectivas culturas. A primeira delas, a versão da Bíblia do grego para a língua inglesa autorizada pelo rei James I da Inglaterra, conhecida como a *Bíblia* ou *Versão King James*. A segunda, o pioneiro dicionário em língua espanhola do lexicógrafo e cônego toledano Sebastián Covarrubias, *Tesoro de la lengua castellana o española*, que seria tomado, posteriormente, como referência para a elaboração do *Diccionario de Autoridades*, primeiro dicionário elaborado pela *Real Academia Española*.

Desde o lançamento do primeiro número da revista, em 2007, editada pelos Departamentos de Filologia Espanhola e de Tradução da Universidade Autônoma de Barcelona, foram produzidos seis volumes anuais tendo por objetivo resgatar a memória cultural dos povos por meio da história da tradução ou dos estudos na área de tradução, além de colocar em cena textos históricos “ora esquecidos ou ocultados... ora censurados ou perdidos”.

Com essa abordagem, revela a perspectiva de trazer à tona estudos centrados em espaços históricos relevantes do mundo hispânico articulados com os espaços linguísticos e literários de outras línguas e culturas. A revista, dividida em duas grandes seções, “Artículos” e “Escenarios”, dedica a primeira parte à produção científica, e a segunda, subdividida em outras subseções, apresenta, em sua maioria, as diferentes traduções ou os originais de textos históricos organizados a partir de perspectivas variadas.

¹ Doutora em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana (USP), docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/SJRP). E-mail: angelica@ibilce.unesp.br

² <http://www.traduccionliteraria.org/1611/index.htm>

Ao percorrer a seção “Artículos” dos seis volumes editados, deparamo-nos com uma grande variedade de leituras e abordagens. Por um lado, reflexões que transitam desde as análises intertextuais entre tradução e pintura, a história da tradução de línguas próximas (catalão e castelhano) ou minoritárias (catalão e friulano), releituras sobre o mito de Babel e as políticas linguísticas do império espanhol na América. Por outro lado, textos dedicados a discussões filosóficas e teológicas que analisam problemas etnolinguísticos e semânticos decorrentes da evangelização e da tradução de conceitos religiosos essenciais.

Ao pesquisar com mais detalhe as produções expostas, cabe destacar os vários trabalhos que enfocam, de uma perspectiva historiográfica, a recepção da tradução de autores canônicos da literatura em diferentes contextos: Jane Austen, William Shakespeare, Edgar Allan Poe, W. B. Yeats e Giosuè Carducci e a recepção de suas obras em espanhol na península ibérica; Miguel de Cervantes na Alemanha e na Inglaterra; Fernando de Rojas e Garcilaso de la Vega traduzidos para o inglês; textos em prosa científica de História Natural no Chile e na Argentina; a tradução indireta da literatura chinesa contemporânea ao castelhano; a tradução da poesia francesa na Argentina e da poesia ultraísta espanhola na Polônia.

Tais estudos, ao retomarem a importância dessa rede de traduções às suas épocas, colocam em evidência também a insigne importância da reflexão sobre a constituição de uma história da tradução, uma vez que nos auxilia a situar e redimensionar as relações entre as culturas hispânicas com a de outros países europeus na contemporaneidade. Essa abertura ao presente, nas palavras de Antoine Berman em “A prova do estrangeiro”, não institui um olhar passadista, “mas um movimento de retrospectão que é uma compreensão de si”.

A partir de outras perspectivas, os artigos abordam os contatos interculturais mediados pela tradução entre povos colonizadores e colonizados, as traduções bíblicas ao espanhol, a tradução dos clássicos gregos e latinos ao catalão e de textos literários ao vasco. Nesses contextos, os estudos apresentados na revista evidenciam o relevante papel que a tradução desempenhou não somente para a formação da literatura no seio de algumas culturas, como também para a formação da consciência e das identidades nacionais.

Entretanto, não é somente pela variedade temática que a *1611* deixa-nos entrever o caráter multifacetado da análise histórica da tradução, mas também, pela revelação, de modo recorrente em seus volumes, do vários papéis dos tradutores ao longo da história, ressaltando, em alguns casos, as relações de seu modo de traduzir aos posicionamentos estéticos adotados em diferentes épocas: a postura tergiversada de Tadeusz Peiper que difundiu a poesia espanhola na Polônia, a experiência histórica de José Luis Etcheverry ao traduzir Freud ao modo de “exploração arqueológica”, a abertura e a modernização da literatura vasca produzidas pelas traduções de Gabriel Aresti, a atuação de Pedro

Alonso O’Crowley y Power comparada a de um “agente cultural” em sua tarefa tradutória, a descrição dos processos envolvidos nos jogos de palavras que realiza Gabriel Hormaechea em sua tradução, “mesurada em sua desmesura”, de *Gargantúa y Pantagruel*, de François Rabelais.

Ademais, nos artigos apresentados pela revista pode-se observar o redimensionamento do papel das famílias nobres indígenas e mestiças que se destacaram como intérpretes oficiais da Nova Espanha, o exame detalhado da trajetória biográfica e profissional dos tradutores catalães de Jane Austen, além da possibilidade de retomada da importância de alguns personagens memoráveis no contexto histórico da tradução na Espanha, como é o caso de Marcelino Menéndez y Pelayo e Juan Antonio Pellicer y Saforcada em seu projeto *Ensayo de una Bibliotheca de Traductores españoles* (1778). A retomada de todas essas experiências nos demonstra, cada uma à sua maneira, como a atividade do tradutor, no decorrer da história, foi permeada menos por dimensões linguísticas e terminológicas que por questões teóricas, políticas, éticas e ideológicas.

Na segunda parte da revista, intitulada “Escenarios”, nos deparamos com textos históricos emblemáticos, além de proeminentes reflexões em torno do contato entre tradução e história. No agrupamento “América”, destacam-se textos históricos e manifestações sobre a mediação linguística e cultural entre conquistadores e conquistados, além da exploração de questões lexicais e de seus posteriores desdobramentos no percurso da história. Tais abordagens servem de matéria para compor férteis reflexões, sob a ótica da tradução, a respeito do processo de encontro entre europeus e americanos nos séculos XVI e XVII.

Em “Tradição Clássica” podemos conferir a apreciação de Ruiz Casanova que versa sobre a história da Tradução na Espanha em torno da figura emblemática de Menéndez Pelayo acompanhada de dois textos originais do autor. Na subseção “Bíblia”, o texto da conferência inaugural das I Jornadas Hispano-americanas de Tradução Literária, realizadas em Rosario, em 2006, proferida pelo professor Juan Gabriel López Guix, abre a reflexão em torno da maldição babilônica acompanhada de treze diferentes versões da passagem do Gênesis XI. Em “História da Ciência”, uma discussão sobre a tradição clássica na prosa científica, em “Primeiras traduções literárias” e “Modernidade”, somos apresentados a fragmentos da tradução castelhana da obra de Freud e das primeiras traduções castelhanas da obra de Shakespeare.

A divisão proposta pela *1611* difere da estrutura padrão de grande parte das revistas científicas, uma vez que agrupa, na segunda parte, embora com rigor e sistematicidade passíveis de revisão, textos de valor não somente históricos, mas fontes relevantes que permaneceriam inacessíveis a leitores e pesquisadores. Nesse aspecto, a revista perde um pouco sua força, pois ao instituir o “Cenário” como espaço histórico a ser reconstruído no presente, não o apresenta com o devido cuidado.

Entretanto, esse descuido não faz com que o conjunto perca o merecido valor, uma vez que propõe um formato diferente de reflexão em veículo acadêmico. Ao recontar a história da tradução e os diversificados vieses da tradução na História, a revista representa uma grande contribuição para a área na qual se insere, visto que incrementa o debate inter e multidisciplinar característico do pensar e do fazer tradutório, configurando-se como um espaço fundamental para auxiliar na compreensão das complexas relações imbricadas na historicidade tradutória.